

Volume

31/1

ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Acervos: Diferentes suportes de memória

Reitoria

Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Vice-Reitor: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Chefe de Gabinete da Reitoria: *Renata Vieira Rodrigues Severo*

Pró-Reitor de Ensino: *Antônio Maurício Medeiros Alves*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Marcos Britto Corrêa*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Fábio Garcia Lima*

Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Josy Dias Anacleto*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: *Cláudia Daiane Garcia Molet*

Superintendente do Campus Capão do Leão: *José Rafael Bordin*

Superintendente de Gestão Administrativa: *Mariana Schardosim Tavares*

Superintendente de Gestão da Informação e

Comunicação: *Christiano Martino Otero Ávila*

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento

Interinstitucional: *Vinicius Farias Campos*

Superintendência de Infraestrutura: *Everton Bonow*

Superintendência do Hospital Escola: *Tiago Vieiras Collares*

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: *Prof. Dr. Sebastião Peres*

Vice-Diretora: *Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini*

**Núcleo de Documentação História da UFPEL –
Profa. Beatriz Loner**

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

*Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos
Educaçãoais*

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

**História em Revista - Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica – Profª. Beatriz Loner**

Comissão Editorial:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck

Profa. Dra. Márcia Janet Espig

Prof. Dr. Jornas Vargas

Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

*Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,
Universidad de los Andes, Santiago, Chile*

*Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP -
Marília)*

Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFMS)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)

*Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha
(UNICAMP)*

Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)

Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)

*Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal
de Uberlândia)*

Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa

*Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti,
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)*

Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEL)

*Profa. Dra. Maria Antônia Lopes (Universidade de
Coimbra)*

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

*Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade
de Évora)*

*Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade
do Minho)*

*Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional
de La Pampa – AR)*

*Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto
Hurtado – Chile)*

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

*Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de
Buenos Aires).*

Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)

Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)

Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

*Editores do Volume: Ma. Ângela Beatriz Pomatti (Museu de
História da Medicina do RS), Dra. Lorena Almeida Gill
(NDH-UFPEL) e Dra. Véra Lúcia Maciel Barroso
(Arquivo Histórico do CHC - Centro Histórico-Cultural
Santa Casa Porto Alegre)*

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa: Trabalho de higienização de acervo do
NDH-UFPEL. Fonte: Núcleo de Documentação
Histórica da UFPEL – Profª. Beatriz Loner*

*Pareceristas ad hoc: Dra. Adriana Fraga da Silva
(FURG); Dra. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS);
Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFMS); Dra. Cassia Silveira
(UFRGS); Dr. Charles Monteiro (PUCRS); Dra. Cíntia
Vieira Souto (UFRGS/MP-RS); Dra. Claudira do*

Socorro Cirino Cardoso (Secretaria de Educação do Pará); Dr. Cristiano Henrique de Brum (FIOCRUZ); Dra. Daiane Brum Bitencourt (UFRGS/PUCRS); Dr. Daniel Luciano Gevehr (FACCAT); Dra. Daniele Gallindo (UFPEL); Dra. Elis Regina Barbosa Angelo (UFRRJ); Dra. Jaqueline Hasan Brizola (FIOCRUZ); Dra. Leticia Brandt Bauer (UFRGS); Dra. Máira Ines Vendrame (UFPEL/UFJF); Dra. Márcia Regina Bertotto (UFRGS); Dr. Marcos Witt (Instituto Histórico de São Leopoldo-RS); Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UFSC); Dra. Mariseti Cristina Soares (UFT); Dra. Mariluci Cardoso Vargas (PNUD/MDHC/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos); Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira (UFPEL); Dr. Rejane Silva Penna (Arquivo Histórico do RS); Dra. Rosane Marcia Neumann (FURG/UNIPLAC); Dr. Tiago da Silva Cesar (UFRPE/UNICAP); Dr. Wilian Junior Bonete (UFPEL)

Editora e Gráfica Universitária

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR), Cássio Cassal Brauner e Viviane Santos Silva Terra

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos (TITULAR), Felipe Padilha Leitzke e Werner Krambeck Sauter

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leonetti Lencina (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências Humanas: Maristani Polidori Zamperetti (TITULAR) e Mauro Dillmann Tavares

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Leandro Ernesto Maia e Vanessa Caldeira Leite

Seção de Pré-Produção – Isabel Cochrane, Suelen Aires Böettge

Seção de Produção

Preparação de originais – Eliana Peter Braz, Suelen Aires Böettge

Catálogo – Madelon Schimmelpfennig Lopes

Revisão textual – Anelise Heidrich, Suelen Aires Böettge

Projeto gráfico e diagramação – Fernanda Figueredo Alves, Alice Martins de Lima (Bolsista)

Coordenação de projeto – Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção – Marisa Helena Gonsalves de Moura, Eliana Peter Braz, Newton Nyamasege Marube

Projeto Gráfico & Capa – Paulo Luiz Crizel Koschier

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2026/1
ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPEL/NDH / Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208

Disponível em

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPEL

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : Acervos : Diferentes suportes de memória) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL – Profa. Beatriz Loner, v.31, n.1, jan. 2026. – Pelotas: UFPEL/NDH, 2026 – 484 p. ; 18,1 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Acervos 3. Museus

CDD: 907

ACERVO CORIOLANO BENICIO (RIO GRANDE/RS): “ALGUNS EXEMPLARES QUE GUARDAMOS COM MUITO CARINHO COMO RECORDAÇÃO DAQUELES BONS TEMPOS...”

CORIOLANO BENICIO COLLECTION (RIO GRANDE/RS): SOME COPIES THAT WE KEEP WITH GREAT AFFECTION AS A SOUVENIR OF THOSE GOOD TIMES

Carmem G. Burgert Schiavon

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado Profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande (PPGH-FURG); Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Coordenadora do Centro de Documentação Histórica Prof. Hugo Alberto Pereira Neves (CDH-FURG).

Contato: cgbschiavon@yahoo.com.br

Thiago Gonzaga Telles

Graduando em História (Bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande, Bolsista do Projeto de Extensão “Núcleo de Memória Virtual da População Negra Rio-Grandina” e Estagiário Voluntário do Centro de Documentação Histórica Prof. Hugo Alberto Pereira Neves.

Contato: gtelles@furg.br

Camila Lemos Silveira

Bacharel em Direito pela Faculdade Anhanguera, Graduanda em História (Bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande e Bolsista do Projeto de Extensão “Núcleo de Memória Virtual da População Negra Rio-Grandina”.

Contato: c.lemoss@yahoo.com.br

Resumo: o presente texto tem como ponto de partida o acervo e o legado artístico-cultural de Coriolano Benicio, artista negro cuja existência se entrelaçou à própria história cultural da cidade do Rio Grande/RS. Nesta esteira, o propósito central deste estudo consiste em desvelar a profundidade histórica, simbólica e afetiva do Acervo Documental de Coriolano Benicio, hoje salvaguardado no Centro de Documentação Histórica Prof. Hugo Alberto Pereira Neves, da Universidade Federal do Rio Grande (CDH-FURG), espaço tido como ferramenta de preservação da memória e de celebração da cultura. Dentro desse pressuposto, o texto percorre os caminhos de sua vida e obra, articulando-os à formação da identidade cultural rio-grandina, de modo a oportunizar a reflexão sobre a forma como o seu acervo se ergue como um lugar de memória e resistência diante do apagamento das expressões negras e populares. Assim, reafirma-se que preservar seu acervo documental é, também, um ato de permanência e de compromisso com a memória.

Palavras-chave: Acervo; Documental; Coriolano Benicio; CDH-FURG.

Abstract: The present text takes as its starting point the collection and the artistic-cultural legacy of Coriolano Benicio, a Black artist whose existence was intertwined with the cultural history of the city of Rio Grande/RS itself. In this vein, the central purpose of this study is to unveil the historical, symbolic, and affective depth of the Coriolano Benicio Documentary Collection, today safeguarded at the Prof. Hugo Alberto Pereira Neves Center for Historical Documentation, of the Federal University of Rio Grande (CDH-FURG), a space regarded as a tool for the preservation of memory and the celebration of culture. Within this premise, the text traverses the paths of his life and work, articulating them with the formation of the cultural identity of Rio Grande, in

Acervo Coriolano Benicio (Rio Grande/RS): “alguns exemplares que guardamos com muito carinho como recordação daqueles bons tempos...”



order to prompt reflection on how his collection stands as a place of memory and resistance against the erasure of Black and popular expressions. Thus, it is reaffirmed that preserving his documentary collection is also an act of permanence and commitment to memory.

Keywords: Collection; Documentary; Coriolano Benicio; CDH-FURG.

Somos “fans” incondicional da Arte e da Cultura (ora em grande crise na cidade), e delas fizemo-las o pão nosso de cada dia!...

Coriolano Benicio

As luzes se acendem: aspectos iniciais

O Centro de Documentação Histórica “Professor Hugo Alberto Pereira Neves” da Universidade Federal do Rio Grande (CDH-FURG), vinculado aos Cursos de História (Bacharelado e Licenciatura) do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da mencionada Universidade (ICHI-FURG), teve origem nos primeiros anos da década de oitenta do século XX, a partir do esforço coletivo dos professores do antigo Departamento de Biblioteconomia e História (DBH) da FURG. Inicialmente, o CDH-FURG funcionava junto às salas de permanência de docentes dos Cursos de História, nas dependências do anexo ao Prédio 4. Com o passar do tempo e o aumento significativo do acervo, o CDH-FURG passou a ocupar a sala 14 do Pavilhão 4, no Campus Carreiros da FURG, contando com três unidades menores, ou seja, uma destinada à constituição do banco de dados (parte da informática) e ao laboratório de história oral; outra, ao arquivamento de periódicos e, por fim, uma saleta destinada à higienização dos acervos.

No ano de 1998, a partir de um projeto que tramitava junto aos Conselhos Superiores da FURG, o CDH passou a ser designado com o nome de “Professor Hugo Alberto Pereira Neves”¹, em homenagem a um dos principais defensores da ideia de criação deste Centro de Pesquisa. Nesta mesma época, teve início o processo de inventário do acervo, atividade esta que originou a sua organização e distribuição com base em 8 coleções e uma biblioteca, conforme descrição apresentada na sequência deste texto.

Em 2013, com a inauguração do prédio do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI), o CDH passou a ocupar uma sala própria, mais ampla e este

¹ O Professor Hugo Alberto Pereira Neves faleceu no início da década de 1990, em Rio Grande.



aspecto favoreceu uma mudança quanto à sua constituição, tendo em vista que, além da salvaguarda e disponibilização de seus acervos à pesquisa, o local passou a ser utilizado para diferentes práticas de ensino, principalmente, em decorrência da aquisição de novos acervos, como é o caso do acervo do Complexo da Rheingantz e do jornal *Agora*, além da ampliação do acervo pessoal de Coriolano Benício.

No que diz respeito à constituição do seu acervo, destacam-se as seguintes coleções:

* **Acervo de Documentação Eclesiástica:** apresenta-se pela composição de aproximadamente 4.700 documentos eclesiais relacionados aos autos de casamento, proclamas, justificativas de casamento, procurações, habilitações, justificativa do estado de solteiro, de batismos e falecimentos. Destaca-se que a documentação compreende o período de 1805 até 1912 (aproximadamente) e que grande parte deste acervo encontra-se microfilmada.

* **Acervo da União Operária:** este acervo é composto por 38 livros com atas, relatórios e o controle contábil do sindicato (relacionadas ao período de 1900 a 1932); 02 pastas que apresentam folhetos de peças teatrais; 148 jornais operários; 01 caixa com documentos diversos e o acervo da biblioteca da União Operária (778 livros).

* **Acervo de Revistas e Jornais:** a composição deste acervo compreende revistas e jornais locais, regionais e nacionais, compreendendo o período de 1905 até 1990 (com algumas interrupções) e conta com, aproximadamente, 8.000 fascículos e 65 títulos. Neste acervo destacam-se as Revistas *Fon-Fon*; *O Malho*; *Rio Grande do Sul*; *Revista Ilustrada*, *Revista Souza Cruz*; o semanário carioca *Tico-Tico*, o qual é tido como uma das 4 coleções existentes em todo o Brasil; o jornal *A Voz do Povo*, apesar de estar incompleto, constitui uma coleção única também.

* **Acervo Fotográfico:** apresenta caixas com fotografias da fachada e de operários da Fábrica Rheingantz; dos Casarões Ipiranga; inúmeras charqueadas de Pelotas; Clube de Regatas e antigas residências da cidade do Rio Grande.

* **Processo do Inventário do Comendador Faustino Corrêa:** o Inventário do Comendador Domingos Faustino Corrêa faz parte do acervo do CDH-FURG desde o período de maio de 2006; o processo do inventário tramitou durante 107 anos e constitui o mais longo de toda a história do Judiciário do Brasil. Seu acervo é constituído por 482 caixas contendo petições de habilitados, as quais comprovam a descendência por intermédio de certidões de nascimentos, batismo, casamento, óbito, inventários e testamentos; 33 caixas que apresentam decisões e peças judiciais (estas caixas compreendem a documentação referente aos séculos XVIII e XX) e 06 caixas contendo documentos avulsos, sendo que estes apresentam uma datação mais próxima dos dias atuais.

* **Acervo de História Demográfica:** apresenta fichas de reconstituição de famílias da cidade do Rio Grande, compreendidas entre o período de 1737 a 1850. As mencionadas fichas possibilitam o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à genealogia e a estudos populacionais. Este acervo apresenta, ainda, 43 rolos de





microfilmes da Diocese do Rio Grande, com os registros de batismos, matrimônios e óbitos ocorridos na paróquia rio-grandina durante o já mencionado período.

* **Acervo de Fontes Orais:** constitui-se de entrevistas e transcrições destas, disponibilizando à consulta temas como imigração, pesca, indústrias, relatos relacionados à cidade do Rio Grande. Além das entrevistas, o referido Laboratório apresenta o registro de algumas palestras e eventos ocorridos na FURG.

* **Acervo do Complexo da Rheingantz:** este constitui um importante conjunto de fontes documentais para o estudo da industrialização, relações de trabalho, história social, cultural, econômica da cidade do Rio Grande e da região sul. Nesse sentido, abrange uma ampla variedade de documentos produzidos durante o período de funcionamento da fábrica, desde o final do século XIX, até o encerramento de suas atividades, na década de 1960. Além disso, o conjunto inclui também documentos da Inca Têxtil, empresa sucessora da Rheingantz, que manteve parte de suas operações até a década de 1990, inclusive, documentos da Inca Têxtil, empresa sucessora, funcionamento parcialmente até os anos 1990. O acervo reúne documentos como registros administrativos e financeiros, notas de pedidos, de vendas de produtos, livros de contabilidade, livros pontos, relatórios de produção, correspondências, plantas da fábrica como do maquinário, entre outros.

* **Acervo do Jornal Agora:** este é constituído pelo acervo físico completo do *Jornal Agora*, que circulou na cidade do Rio Grande, no período de 31 de outubro de 1975 a 2 de março de 2020, são mais de 12,5 mil exemplares do jornal rio-grandino, que circulou de segunda à sábado, até a sua última edição². As edições do jornal estão agrupadas mês a mês e trazem reportagens não somente da cidade do Rio Grande mas, de toda a zona sul do Estado.

* **Acervo Bibliográfico:** o CDH-FURG apresenta, ainda, uma biblioteca com, aproximadamente, 1.700 exemplares de livros relacionados à história regional, local e nacional; assim como catálogos, anais, periódicos e boletins. Além dos livros, o CDH-FURG também apresenta alguns documentários e monografias dos cursos de graduação e especialização em História, assim como vídeos de mesas redondas de eventos, os quais abrangem diversos temas ministrados na FURG.

Junto a estas Coleções³, desde o ano de 1984, o CDH-FURG conta com o acervo pessoal de Coriolano Araújo Mário Benicio ou, simplesmente, Coriolano Benicio, como ele próprio se reconhecia e assinava as suas produções. Contudo, como este constitui o foco de trabalho no presente texto, optou-se pela sua análise, em separado.

² Neste link: <https://www.furg.br/noticias/noticias-institucional/furg-recebe-doacao-de-acervo-completo-do-jornal-agora> está disponível a notícia referente à doação do acervo do *Jornal Agora* ao CDH-FURG.

³ Além destes acervos, também podem ser encontrados no CDH-FURG documentos exemplares de cartografia e registros de “variedades e raridades”, com periodicidades variadas.





As cortinas se abrem: vida e obra de Coriolano Benício

Inúmeras vezes ouvimos a expressão “vida e obra se confundem”. E, no caso específico de Coriolano Benício, esta é uma máxima é muito verdadeira. Não por acaso, recentemente, quando recebemos alguns cadernos pessoais de Coriolano⁴, localizamos no interior de um deles, o cartão do seu CPF. Mas, este é apenas outro indicador do quanto a vida de Coriolano reflete a sua devoção à cultura, mais especificamente, ao teatro e ao carnaval; no dizer de José Carlos Rego, amigo que lhe acompanhou, inclusive, nas horas finais de sua vida, no Hospital da Santa Casa do Rio Grande, “Coriolano era um homem do teatro e do carnaval”⁵. Coriolano Benício nasceu no dia 24 de maio de 1911, em Rio Grande/RS. No seu acervo, localizamos o registro do seu nascimento⁶, feito de modo manuscrito, com as seguintes informações:

Nasci na cidade do Rio Grande – R. G. do Sul –, no dia 24 de maio de 1911, às 17 horas e 30 minutos. Meus pais foram João Pedro Benício, de profissões, artista, sapateiro e músico e Rachel Lopes de Araújo Benício, do lar, e que residiam em prédio próprio, à Rua Benjamin Constant, nº 121. [...] Numa casinha modesta, de porta e janela [...]. Circulavam, aqui, naquele ano, os seguintes jornais, o Diário do Rio Grande, Echo do Sul, Artista, O Tempo, Intransigente, o Jornal do Comércio e o Corymbo, porém nenhum deles ventilou o nosso nascimento. (Acervo de Coriolano Benício, CDH-FURG)⁷

Muito embora o seu nascimento não tenha sido relacionado entre as notícias dos jornais da época, seu nome, a partir dos 13 anos, passou a figurar no cenário cultural rio-grandino, afinal, ele construiu ao longo de sete décadas de sua existência, uma das trajetórias mais vigorosas e plurais da cultura rio-grandina, onde, sua vida foi palco, microfone, tipografia e picadeiro, um verdadeiro mosaico de expressões artísticas que, reunidas, revelam um homem que fez da arte um ato de resistência e de amor à coletividade.

⁴ Na sequência do presente texto, iremos abordar como estes cadernos pessoais de Coriolano Benício foram localizados e passaram a integrar o seu acervo, no CDH-FURG.

⁵ Fragmento da entrevista realizada no dia 13 de junho de 2025, em sua residência, na região central da cidade do Rio Grande/RS.

⁶ Seus irmãos eram o telegrafista João Paulo Benício (1899), o oficial do exército Alfredo Thomaz Benício (1901), o jornalista Onofre Americo Benício (1903) e o gráfico Affonso Celso Benício (1913).

⁷ O manuscrito oferece outros detalhes referentes à data do seu nascimento, como é o caso dos nomes dos avós paternos e maternos, além do fato da cidade contar, “então, com 5.710 prédios levantados”, no ano de 1911, assim como o nome do Dr. Trajano Augusto Lopes, Intendente do Município, à época.

Figura 1. contracapa do Caderno Pessoal de Coriolano Benicio (1979), com o registro de sua grafia



Fonte. Acervo CDH-FURG.

134

Desde a infância, demonstrou um espírito inventivo e inquieto, onde, aos treze anos, enquanto a maioria dos jovens de sua idade passavam o tempo nas brincadeiras de rua, Coriolano já experimentava o poder da criação artística. Com recursos simples e uma curiosidade infinita, lançou *O Beija-Flor*⁸, uma revista em quadrinhos artesanal que ele próprio escrevia, ilustrava e distribuía entre colegas de escola, gesto este, aparentemente singelo, entretanto, seria o prenúncio de uma vida dedicada à comunicação e à cultura popular. O menino de imaginação fértil, que fazia dos lápis instrumentos de liberdade, já pressentia que a arte era o meio mais potente de dialogar com o mundo.

A cidade do Rio Grande, cenário de sua vida, oferecia-lhe o contexto ideal para esse florescimento. Entre o burburinho do porto, das fábricas, do comércio e a diversidade de suas gentes, formava-se um caldo cultural efervescente, no qual o jovem Coriolano encontraria inspiração e a vida urbana, com suas contradições e encantos, seria o grande palco de sua obra. Ele não apenas viveu na cidade, ele a encenou, transformando o cotidiano em matéria poética e teatral.

Sua entrada no jornalismo se deu de forma natural, movido pelo desejo de comunicar, logo se inseriu nos periódicos locais, executando funções de tipógrafo, redator, editor e de fundador, um homem de imprensa que compreendia o jornal como

⁸ A primeira edição foi criada em 27 de abril de 1924 e, segundo Coriolano Benicio, uma de suas principais inspirações era a revista *O Tico-Tico*.

Acervo Coriolano Benicio (Rio Grande/RS): “alguns exemplares que guardamos com muito carinho como recordação daqueles bons tempos...”

espaço de formação e de combate simbólico. Criou e dirigiu o jornal *O Tagarela*, escreveu para *A Lucta*, *Echo do Sul*, *Gazeta da Tarde* e outros veículos, mais do que relatar fatos, Coriolano escrevia para dialogar e dar voz à sua comunidade, revelando personagens e histórias invisibilizadas pela narrativa oficial. Sua pena tinha ritmo de tamborim e consciência de educador.

Figura 2. capa do jornal *O Tagarela*, edição de 6/11/1938.



Fonte. Acervo CDH-FURG.

Foi no carnaval que seu espírito popular encontrou eco mais vibrante, fundando em 1930, o clube carnavalesco e corpo cênico *Os Irresistíveis*, um dos mais emblemáticos da cidade. O carnaval, para Coriolano, não era mero divertimento, era manifesto e memória, um território simbólico de liberdade, onde o povo podia reinventar a si mesmo. Durante cinco décadas, o som dos Irresistíveis ecoou pelas ruas

do Rio Grande, celebrando a cultura afro-brasileira e a resistência de um povo que dançava, mesmo diante da exclusão. Coriolano via no samba e na festa uma forma de pedagogia coletiva, ensinava que o corpo em movimento também pensa, e que o riso e o batuque são atos políticos.

No teatro, Coriolano Benicio consolidou sua grande obra, fundando em 1933 a Companhia Beira-Mar de Amadores de Teatro, que se tornaria uma das mais longevas e significativas⁹ na área. O grupo, formado por artistas populares, operários e estudantes, rompeu com a lógica elitista das artes cênicas, levando espetáculos às praças, igrejas, escolas e presídio. Coriolano não via o teatro como um espaço de distinção social, mas como um encontro humano, onde o palco se confundia com a vida. Atuava, dirigia, escrevia e ensinava, o palco era seu espaço de militância, onde democratizou a arte, um modo de dizer que o povo também tem o direito à cena.

Figura 3. Palhaço Borromeu. Fonte: Acervo CDH-FURG.



Fonte: Acervo CDH-FURG.

⁹ Fundado em 1937, na cidade de Três Rios/RJ, o Grupo de Amadores Teatrais Viriato Corrêa é considerado hoje o grupo de teatro amador mais antigo do Brasil, ainda em atividade.



Um de seus personagens mais emblemáticos, o Palhaço Borromeu, tornou-se símbolo dessa multiplicidade, com ele, Coriolano circulou por circos e rádios, levando alegria e reflexão. Como muitos, Borromeu não era apenas um palhaço, um personagem, era um espelho do próprio artista, que transformava o riso em crítica e a leveza em profundidade. Nos picadeiros e nos microfones, provava que o humor popular podia carregar a força de um manifesto. Seus manuscritos deixam claro que o riso, para Coriolano, foi também uma forma de resistência.

Sua trajetória não se restringiu ao fazer artístico, ele compreendia a instituição cultural como um espaço de continuidade e de memória. Foi um dos fundadores da Casa do Poeta Rio-Grandino (1972) e da Academia Rio-Grandina de Letras (1981), onde ocupou a cadeira de número 11. Em ambos os espaços, atuou de modo incansável, promovendo saraus, concursos, debates e eventos que valorizavam os artistas e estimulavam a criação literária local. Sua visão era ampla, entendia que o fortalecimento da cultura exigia também a construção de espaços de legitimação simbólica, onde as vozes do interior e do povo pudessem ressoar com dignidade.

Em 1978, publicou *Cinzeiro*, uma obra híbrida que reunia biografia e poesia sobre o humorista Aparício Torelly, o Barão de Itararé. A escolha do personagem revela muito sobre o autor, Coriolano via no humor político uma arma contra a opressão e na literatura um modo de libertar consciências. Sua obra é, ao mesmo tempo, homenagem e provocação, um tributo à irreverência e um espelho de seu próprio olhar crítico sobre o mundo.

Contudo, talvez o maior legado de Coriolano Benicio seja sua pedagogia da cultura. Sem cátedra, nem diploma, ensinou o que os livros muitas vezes calam, que a arte é um bem comum e que o conhecimento se faz no convívio, na partilha e na escuta. Formou gerações de artistas e intelectuais populares, muitos dos quais encontraram, sob sua orientação, os primeiros caminhos da criação. Seus espetáculos para idosos, detentos e comunidades periféricas revelam um compromisso social, percebendo a arte como instrumento de libertação e de diálogo.

Homem negro, em uma sociedade marcada pela desigualdade racial, Coriolano enfrentou com dignidade os silêncios e exclusões de seu tempo, sua presença nos espaços culturais da cidade – jornais, palcos, instituições – foi, por si só, um ato político. Rompeu fronteiras invisíveis e abriu caminhos para a inclusão de outras vozes na história cultural¹⁰ rio-grandina, fazendo da própria existência um gesto de insurgência simbólica, desafiando as estruturas que tentavam relegar a arte popular a um lugar de subalternidade.

Ao longo da vida, Coriolano acumulou não apenas obras, mas memórias vivas. Guardava recortes de jornais, fotografias, roteiros e cartazes, vestígios de uma trajetória que sabia ser maior do que ele. Com lucidez e generosidade, legou seu acervo ao Centro

¹⁰ História Cultural é um campo historiográfico voltado à compreensão das manifestações simbólicas, das práticas sociais e das representações produzidas pelos grupos humanos, ao longo do tempo. Para aprofundar o tema, ler: BURKE, Peter. O que é História Cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2021.





de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira Neves (CDH), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), transformando sua história pessoal em patrimônio documental coletivo. Tal gesto resume seu pensamento, tendo em vista que a memória só cumpre seu papel quando compartilhada. Esse ato se resume a uma forte reflexão: o que se guarda no silêncio morre, o que se entrega ao outro, se eterniza.

Em 13 de abril de 1984, Coriolano Benicio partiu, deixando a cidade em luto. No ano seguinte, foi prestada uma homenagem simbólica ao batizar uma escola pública, na localidade da Vila da Quinta com seu nome, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Coriolano Benicio. A escolha de uma Escola não pode ser entendida como algo casual, pois ali, entre o aprendizado e os sonhos, que a sua memória foi encontrar morada. O menino que criou uma revista, aos treze anos, agora inspira outras crianças a desenharem seus próprios futuros.

Embora marcado por intensa produção artística e engajamento cultural, sua trajetória foi relegada ao silêncio das margens. O esquecimento reflete não apenas o descaso institucional, mas também as hierarquias simbólicas que historicamente invisibilizaram as expressões populares e negras no campo da cultura. Nesse contexto, o apagamento de sua obra não se limita à ausência de reconhecimento, é parte de um processo mais amplo de exclusão da memória coletiva e, é justamente neste horizonte, que pesquisas como esta assumem papel fundamental, onde, ao investigar e difundir a sua história tendo como fonte principal o seu acervo, rompe com as barreiras do esquecimento e reinscreve Coriolano no tecido vivo da história rio-grandina.

Recordar sua trajetória é também refletir sobre esses mecanismos de apagamento que ainda moldam nossa história. Durante décadas, o cânone cultural brasileiro privilegiou as vozes brancas, urbanas e elitizadas, silenciando os criadores populares, os artistas negros e as experiências periféricas. Nessa esteira, resgatar Coriolano é, portanto, um ato de reparação e de justiça histórica. É inscrever na narrativa oficial aquilo que sempre existiu à margem: a criatividade, a inteligência e a resistência do povo.

Em sua multiplicidade, Coriolano Benicio construiu um projeto de vida baseado na coletividade, onde, seu maior feito talvez tenha sido provar que a cultura é um campo de disputa e de esperança, um lugar onde se formam sujeitos e se constroem futuros. Ao fundar grupos, criar espaços, formar artistas e partilhar memórias, ele teceu, com as próprias mãos, uma rede de significados que segue sustentando o imaginário rio-grandino.

Hoje, revisitar sua biografia é como abrir novamente as cortinas de um palco. Lá está Coriolano, de terno simples e olhar atento, ajustando a luz, conferindo o texto, garantindo que cada voz seja ouvida. Sua presença continua entre nós, na vibração do tamborim, no riso dos palhaços, nas palavras dos poetas e no eco das vozes que insistem em existir. Desse modo, Coriolano Benicio antecipou debates acerca da democratização da cultura, valorização da arte popular e preservação da memória coletiva, fez do ordinário algo extraordinário e provou que, mesmo nos limites da precariedade, é possível construir beleza, sentido e comunidade.





Assim, ao lembrarmos de sua vida, o que se ergue diante de nós não é apenas uma biografia, mas um manifesto de permanência. Coriolano não pertence ao passado, ele habita o presente, em cada gesto que celebra a cultura como forma de libertação. Talvez, seja esse o seu maior legado, de que a arte, quando feita com verdade e generosidade, tem o poder de atravessar o tempo e de manter acesas as luzes do palco da memória.

O espetáculo continua vivo: o acervo documental de Coriolano Benicio

De acordo com o Sr. José Carlos Rego¹¹, amigo pessoal de Coriolano Benicio, após a sua morte, o seu acervo pessoal deveria ser repassado à Universidade Federal do Rio Grande e assim ocorreu. Todavia, não em sua totalidade. Naquela ocasião, parte do acervo foi encaminhado ao Museu de Comunicação Rodolfo Martensen (FURG), outra parcela ao CDH-FURG e, uma terceira parte ficou com o próprio Sr. José Carlos Rego.

A parte (original), que foi destinada ao CDH-FURG foi organizada em cerca de 30 pastas arquivo e conta com inúmeras revistas de entretenimento, prospectos de teatro, manuscritos, cartazes, entre outros documentos.

A parcela da documentação que foi encaminhada ao Museu de Comunicação Rodolfo Martensen (FURG) é composta por um acervo fotográfico (principalmente de apresentações teatrais), cartazes, jornais e prospectos relacionados à temática do teatro e cinema. No ano de 2023, após contato com a equipe de coordenação do Museu da Comunicação, foi possível unir esta documentação com a parte original. Atualmente, esta segunda parte inicial, encontra-se disponível no acervo de Coriolano Benicio, no CDH-FURG.

Ao longo do processo de buscas e mapeamento do acervo, em contato com o Sr. José Carlos Rego, ficamos sabendo que esta parte da documentação havia sido entregue ao Sr. Sergio Quintian que, por sua vez, encaminhou ao Sr. Bira Meyer Lopes, no Teatro Municipal da cidade do Rio Grande, em 2023. Constatamos que este deslocamento ocasionou uma lamentável dispersão desta parte do acervo, tendo em vista que das 11 caixas iniciais, só conseguimos recuperar 4 caixas (contendo parte dos livros da biblioteca particular de Coriolano, assim como documentos e peças teatrais, entre outros documentos) e 4 cadernos pessoais (manuscritos) de Coriolano Benicio.

Muito embora esta dispersão e perda de parte do terceiro “lote” do acervo pessoal – documental – de Coriolano Benicio, destacamos a sua importância, haja vista que o mesmo transcende a dimensão biográfica e individual, pois se trata de um conjunto de registros que permitem compreender a formação da cultura rio-grandina ao longo do século XX, revelando dinâmicas sociais, práticas culturais e sensibilidades coletivas que moldaram o imaginário urbano da cidade do Rio Grande. Seu acervo, composto de uma coleção de jornais, revistas, roteiros teatrais, cartazes, fotografias,

¹¹ Informação obtida em entrevista realizada no dia 13 de junho de 2025, em sua residência, na região central da cidade do Rio Grande/RS.



registros carnavalescos, entre outros documentos, se enquadram no que é chamado de “acervos pessoais”, entendidos como fragmentos materiais da experiência singular de um indivíduo que, ao serem preservados e interpretados, tornam-se chaves para a compreensão da memória coletiva, a qual, segundo Halbwachs é fundamental para o processo de rememoração. O sociólogo afirma que:

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (Halbwachs, 2006, p. 31).

Em sintonia com Halbwachs, compreendemos que o arquivo de um sujeito como Coriolano Benício não se reduz ao mero registro do vivido, mas é também uma mediação entre o passado pessoal e a experiência coletiva. Nesse sentido, o acervo de Coriolano funciona como um elo entre sua trajetória pessoal e o conjunto de práticas culturais da comunidade rio-grandina, permitindo o “degelo” de memórias que, sem essa preservação, permaneceriam silenciadas.

Os documentos do acervo, compreendendo panfletos, anúncios de peças teatrais, fotografias de desfiles, reportagens, documentos oficiais, são testemunhos da vida cultural popular da cidade. Eles trazem à tona a história do teatro amador, do carnaval, da imprensa local e de uma série de iniciativas culturais que, frequentemente, escapam às narrativas oficiais da cultura brasileira. Esses materiais não apenas ilustram a atuação multifacetada de Coriolano, mas também evidenciam os circuitos de sociabilidade e resistência que estruturaram a vida cultural rio-grandina, sobretudo entre os setores populares e as camadas negras da cidade.

Em um contexto em que o patrimônio se apresenta como um campo de disputa, os acervos históricos se apresentam como ferramentas essenciais. Eles se situam nos circuitos do poder e da cidadania, pois aquilo que se guarda, classifica e exhibe reflete os projetos de nação e as hierarquias sociais de um recorte temporal. Assim, o acervo de Coriolano representa uma inversão desse processo, ele emerge não de uma elite institucional, mas das margens sociais e culturais, onde sua coleção de documentos desafia o modelo tradicional de patrimônio erudito e insere a cultura popular com seus carnavais, peças, jornais, manuscritos, no campo da memória histórica.

A partir das lentes da História Cultural, o acervo Coriolano Benício pode ser lido como um lugar de memória, um espaço simbólico onde se condensa a experiência coletiva e se resiste ao esquecimento. O carnaval, o teatro e a imprensa popular, tal como aparecem no acervo, expressam a vitalidade de uma cidade que, ao longo do século XX, viveu intensos processos de transformação, sendo eles a industrialização, migrações, lutas trabalhistas, encontrando na cultura uma forma de elaborar sua própria identidade. O acervo torna-se, assim, uma porta de entrada para a história social do imaginário rio-grandino, revelando as interações entre arte, política e cotidiano.

Ao longo de sua trajetória, Coriolano Benício cultivou a consciência da importância da preservação da memória e, seu gesto, de doar – em vida – o acervo à Universidade Federal do Rio Grande, demonstra uma compreensão lúcida da cultura como patrimônio coletivo. Desse modo, Coriolano exerceu a função de historiador de si e de seu tempo, registrando não apenas sua produção, mas também as práticas culturais de uma cidade inteira.

Entre os documentos mais ternos de seu acervo encontra-se a revista *O Beija-Flor*, criada em 1924, quando o autor tinha treze anos, inspirado pela célebre revista infantil *O Tico-Tico*, lançada no Brasil, em 1905. Inspirado por aquelas páginas que eram limitadas a poucas crianças, Coriolano concebeu sua própria versão, uma revistinha manuscrita, feita a lápis, ilustrada com figuras em quadrinhos e legendas criativas. Cada exemplar era único, produzido com esmero e partilhado entre os colegas de escola, circulando de mão em mão como um pequeno tesouro coletivo. Nesse gesto singelo, já se insinuava o espírito criador que mais tarde daria origem ao talentoso artista. *O Beija-Flor* não era apenas um passatempo infantil, mas a semente de uma vocação, o primeiro voo de um menino que, ao transformar papel e lápis em linguagem, descobria a alegria de comunicar e de imaginar o mundo. Guardados com carinho, os exemplares remanescentes dessa revista são hoje relíquias de um tempo em que a escola era, como ele próprio recordaria, “risonha e franca” (Benício, manuscritos), um espaço de encantamento, descoberta e liberdade.

Figura 4: O Beija-Flor



Fonte. Acervo CDH-FURG.

Dentre uma grande variedade de documentos, sobressaem em seu acervo alguns registros, como o *Clube Carnavalesco* e *Corpo Cênico Os Irresistíveis*, fundado por Coriolano Benício em 1930. A documentação preservada, composta por atas, correspondências, ofícios, livros de ouro, listas de presença, planejamentos de desfile, recortes de jornais e registros financeiros, permite reconstruir quase cinco décadas de atividade ininterrupta do grupo, cuja trajetória se estendeu até o final da década de 1970.

Esses registros evidenciam o caráter coletivo e autonomia da agremiação, no qual, as atas, por exemplo, revelam o cotidiano das reuniões, as deliberações sobre temas e fantasias, e os desafios financeiros enfrentados para manter o bloco em atividade. Ofícios enviados a instituições públicas e empresas locais entre 1965 e 1977 demonstram o esforço para garantir apoio e visibilidade a um grupo que, apesar das limitações econômicas, se tornou símbolo da alegria popular e da criatividade comunitária. Em vários documentos, “Os Irresistíveis” aparecem autodenominados como “campeões da alegria” (Silveira, 2012, p. 106), expressão que sintetiza o espírito combativo de um coletivo que fez do carnaval um espaço de dignificação da cultura negra e de democratização do lazer urbano.

As fotografias preservadas, muitas delas retratando desfiles nas décadas de 1940, 1950 e 1960, revelam um espetáculo de cores, fantasias e alegorias, frequentemente inspiradas em temas históricos, religiosos e literários. Os planos de desfile, elaborados manualmente por Coriolano, mostram a preocupação estética e pedagógica do grupo, onde cada desfile era um enredo visual carregado de simbolismo, no qual se articulavam referências à história do Brasil, a religiosidade, ao cotidiano operário e à busca por reconhecimento social. Assim, o carnaval, mais do que festa, transformava-se em ato político, um ritual de visibilidade e pertencimento.

Figura 5. Carnaval de 1977



Fonte. Acervo CDH-FURG.

Outro conjunto de relevância ímpar é o da Companhia Beira-Mar de Amadores de Teatro, fundada em 19 de novembro de 1932, tendo sua estreia em 15 de janeiro de 1933. A companhia permaneceu em atividade até o início da década de 1980, configurando uma trajetória de quase cinquenta anos dedicada à formação teatral e à promoção da arte como ferramenta de transformação social.

Os documentos relacionados ao teatro incluem roteiros manuscritos, programas de espetáculos, convites, cartazes, anotações de direção, fotografias de cena e recortes de crítica, formando um panorama detalhado do movimento teatral popular no extremo sul do país. As peças encenadas abordavam temas morais, sociais e religiosos, buscando educar e sensibilizar o público. Em seus manuscritos preservados, percebe-se a dedicação de Coriolano para com a arte e sua sensibilidade em perceber a necessidade de formar consciências e fortalecer o sentimento coletivo através da mesma.

Como forma de difundir suas ações culturais a companhia também manteve intensa atividade editorial, onde, sob direção de Coriolano Benício, a *Gazeta Teatral* (1954-1957) e *A Gazeta* (1972-1975), pode se dedicar à divulgação de notícias culturais, críticas e reflexões sobre o papel da arte na sociedade.

Figura 6. Peça teatral de janeiro de 1978



Fonte. Acervo CDH-FURG.

Em outro eixo documental, o acervo abriga jornais, recortes e manuscritos que revelam o envolvimento de Benício com a imprensa desde muito jovem. Um dos documentos mais emblemáticos do acervo é o periódico *O Tagarella*, criado em 1º de maio de 1929, período em que Coriolano tinha dezoito anos, sendo o mais antigo

testemunho de sua atuação como jornalista. O periódico se apresentava como de feição moderna, de ação social e moralista, sendo produzido em parceria com seus irmãos e amigos, teve circulação intermitente até 1941, com reedições esporádicas em anos posteriores. A leitura d'O *Tagarella* evidencia o olhar irônico e sensível de um jovem intelectual que observava as tensões da modernização urbana, as desigualdades sociais e as contradições da vida cultural local.

Figura 7. Anúncio do periódico, 1929.



Fonte. Acervo CDH-FURG.

Esses múltiplos segmentos, carnaval, teatro e imprensa, revelam um mesmo princípio estruturante, a arte como forma de emancipação social. Em cada registro há uma tentativa de fazer da palavra, da música ou da encenação um espaço de encontro e de criação coletiva. O arquivo, nesse sentido, é um retrato de uma vida que não se separa de seu tempo, nem de sua comunidade.

A amplitude temporal do acervo, que abrange cerca de setenta anos de produção documental (1913-1982), confere-lhe um valor histórico inestimável. São manuscritos, recortes, cartas, cartazes e fotografias que atravessam gerações e permitem acompanhar as transformações culturais da cidade de Rio Grande, desde o período entreguerras até os anos finais da ditadura militar. O acervo é, portanto, uma janela aberta sobre a vida cultural do sul do Brasil, testemunho material da vitalidade criativa de um território frequentemente invisibilizado pelas narrativas centrais da história nacional.

O valor do acervo Coriolano Benício reside, portanto, em sua capacidade de conectar o micro e o macro, o singular e o coletivo, a experiência de um sujeito e a história de uma comunidade. Ele se torna um campo de investigação interdisciplinar, onde convergem a História, a Antropologia, a Arquivologia e os estudos culturais. Mais do que uma coleção de documentos, seu acervo constitui uma rede de sentidos, onde ecoam vozes, gestos e afetos que dão forma à identidade rio-grandina.

Figura 8. Acervo Coriolano Benício



Fonte. registro fotográfico de Thiago Gonzaga Telles (2025).

O acervo de Coriolano, nesse sentido, é um patrimônio vivo, que desafia o esquecimento e convoca a sociedade a refletir sobre suas origens e silenciamentos. Ao estudar seus documentos, o pesquisador não apenas resgata o passado, mas participa de



um processo de reconstrução identitária, abrindo caminho para uma história plural e inclusiva. Mais do que registros de um artista, esses documentos materializam a construção coletiva da memória negra rio-grandina, onde cada documento representa um fragmento da luta por visibilidade e reconhecimento. Contudo, é fundamental que esse patrimônio não se restrinja ao âmbito acadêmico, mas circule nas escolas, museus e comunidades, tornando-se fonte de aprendizado e reconhecimento.

Preservar seu acervo é, portanto, preservar a própria alma cultural do Rio Grande, onde cada fotografia, cartaz de espetáculo, edição de revista, panfletos, carregam fragmentos de uma cidade por meio da cultura. Em um contexto de globalização e apagamento das identidades locais, o acervo atua como resistência, um espaço de enraizamento, onde o passado dialoga com o presente e projeta novas possibilidades de futuro.

Em última instância, o acervo Coriolano Benício nos ensina que a memória não é um depósito de recordações, mas uma prática ativa de reconstrução. Ao revisar seus documentos, reconhecemos que a cultura rio-grandina não se construiu apenas nas instituições oficiais, mas também nas ruas, nos palcos improvisados, nas tipografias e nos blocos de carnaval. O acervo transforma essas experiências efêmeras em permanência simbólica, um monumento da sensibilidade popular.

Assim, o legado de Coriolano Benício, mais do que o resumo de uma coleção de documentos, é um espelho da cidade e de sua gente, ele reafirma a necessidade democratizar a memória social, tornando-a acessível a todos os que buscam compreender o passado para transformar o presente. Proteger e estudar o acervo Coriolano Benício é, portanto, um ato de cidadania, de reconhecimento e de continuidade, uma forma de manter viva a voz de quem fez da arte e da cultura instrumentos de liberdade e pertencimento.

Quando as cortinas se fecham: aspectos finais

As cortinas podem até se fechar, mas a luz de Coriolano Benício continua a irradiar pelos palcos da memória. Sua ausência física não silencia os aplausos que ainda ecoam. Coriolano permanece em cada cena improvisada, no riso espontâneo, no batuque que anuncia o Carnaval. Entre papéis e fantasias, entre versos e personagens, Coriolano segue em movimento, conduzindo este espetáculo que é a vida, com a mesma intensidade de quem sempre acreditou no poder da arte popular. Seu legado percorre os bastidores do tempo, está nas palavras que ainda despertam emoção, na curiosidade de folhar cada documento de seu acervo.

O acervo que carrega seu nome, preservado no CDH-FURG, representa muito mais do que um conjunto de registros materiais; é um palco vivo, pronto para receber o olhar curioso de quem o redescobre. A cada lembrança evocada, a cada documento manuseado, a cada gesto reconstituído, Coriolano volta à cena, como quem recita o texto de um poema inacabado, ciente de que o verdadeiro artista jamais deixa de atuar enquanto houver público para prestigiar.



Nessa esteira, compreender o acervo pessoal de Coriolano Benício significa entender que, antes de tudo, é um arquivo social, porque sua produção artística, teatral, carnavalesca e literária reflete as práticas culturais e as dinâmicas coletivas de uma cidade, que ao longo do século XX, consolidou-se como espaço de resistência e de criatividade popular. Cada documento, manuscrito, fotografia é, portanto, testemunho não apenas de uma vida, mas de uma rede de sociabilidades, de valores, de cultura que moldaram o cenário artístico rio-grandino.

Essa sensibilidade com a memória e a história manifesta-se também em seu gesto final de cuidado com o próprio legado. Coriolano Benício deixou designado que seu acervo fosse encaminhado à FURG. Este ato, ao mesmo tempo simbólico e concreto, reforça a consciência que tinha sobre o valor histórico de sua produção, bem como acerca da importância de se preservar a memória cultural. Ainda que se possa interpretar esse gesto em sentido figurado, como expressão de uma vontade de permanência, é inegável que revela uma profunda sensibilidade histórica e um compromisso com o futuro. Ao destinar seu acervo a uma instituição pública, Coriolano reafirmou, em vida, sua crença na arte e na memória como bens coletivos, pertencentes não apenas a si, mas à comunidade que o inspirou e que ele tanto representou.

A importância desse gesto é dupla. Em primeiro lugar, reafirma a função social dentro das universidades e dos centros de documentação na democratização do acesso à memória cultural, reconhecendo que as histórias individuais; sobretudo, aquelas que emergem das margens, também são constitutivas da História. Em segundo lugar, revela que a preservação de um acervo pessoal é uma forma de resistência, capaz de confrontar a lógica do esquecimento. Salvar o acervo de Coriolano é, portanto, resguardar o povo que ele representou, os trabalhadores, os artistas de ruas, os foliões, os atores e atrizes, os estudantes e os sonhadores que fizeram da arte uma forma de (re)existir.

Estudar, compreender Coriolano é entender que nele habitavam muitos, o jornalista, o teatrólogo, o carnavalesco, o diretor, o escritor. Cada uma dessas dimensões se entrelaça como partes de uma mesma cena e estão presentes em seu acervo, compondo um mosaico de um homem que fez da sua arte sua forma de estar no mundo. Como jornalista/escritor, fez da palavra um gesto político, atuando na imprensa local, escrevendo para jornais que ecoavam as vozes do povo. Sua escrita marcada pela sensibilidade, transformava a crônica em ferramenta de conscientização. O humor, longe de ser mero entretenimento, era instrumento de crítica e de empatia, revelando um autor atento ao seu tempo e comprometido com as transformações sociais. Ao narrar a vida popular do Rio Grande através da arte, Coriolano construiu uma memória coletiva, registrando aquilo que, tantas vezes, escapa à história oficial.

No carnaval, sua criatividade se desdobrou em cores, batuques e fantasias. À frente do Clube Carnavalesco *Os Irresistíveis*, reinventou o sentido da festa, unindo a teatralidade à alegria das ruas. O carnaval, em sua visão, era mais do que uma celebração, era palco da liberdade, espaço de expressão e afirmação identitária. Através do riso e da música, o povo subvertia as hierarquias sociais e inscrevia sua presença na cidade. Em razão disso, podemos afirmar que Coriolano utilizou o carnaval como ferramenta





pedagógica, ou seja, através da alegria, da dança, da música, criou uma forma de resistir e preservar a memória.

Já, no teatro, fundador da *Companhia Beira-Mar*, fez do palco um território de partilha e reflexão. Suas encenações fogem do setor elitista, dentro de um teatro, mas aconteciam também nas praças, escolas, asilo, clubes e até mesmo em instituições prisionais. Em cada montagem, Coriolano transformava o público em protagonista, fazendo do espetáculo um exercício de liberdade.

Mas talvez sua faceta mais nobre tenha sido a de educador popular, ainda que sem diploma, tendo em vista que Coriolano ensinava pelo exemplo, pela convivência e pela emoção. Sua pedagogia era viva, moldada nas experiências partilhadas com comunidades, idosos e grupos marginalizados, fazendo da cultura popular sua prática libertadora, e da arte, sua pedagogia da esperança.

Assim, mesmo que as cortinas se fechem, o espetáculo de Coriolano Benício não termina, ele se reinventa a cada pesquisa, a cada leitura, a cada nova encenação da vida. O artista, o educador, o carnavalesco e o escritor permanecem em cena, multiplicados em gestos, memórias e palavras. Seu acervo é, ao mesmo tempo, arquivo e palco, testemunho e promessa. E, enquanto houver quem o visite, quem o estude e quem o celebre, sua luz continuará a irradiar pelos palcos da memória, porque Coriolano nunca se despede, apenas muda de palco, deixando que sua luz continue a iluminar.

Referências

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SILVEIRA, João Paulo Borges da. **“Somos, sem modéstia, [...] um homem de teatro”**: os manuscritos de Coriolano Benício como documentos (auto) biográficos. Pelotas: UFPel, 2012.

Fontes documentais

Centro de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira Neves. **Acervo Coriolano Benício.** Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

* Entrevista realizada com o Sr. José Carlos Rego, ocorrida no dia 13 de junho de 2025, em sua residência, na região central da cidade do Rio Grande/RS.

* Entrevista realizada com o Sr. Sérgio Quintian, ocorrida no dia 01 de agosto de 2025, em sua residência, localizada no balneário Cassino/Rio Grande.

